

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

PRÆHISTORIA — EPIGRAPHIA



MUSEUMATICA — ARTE ANTICA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA

IMPRESSA NACIONAL

1896

SUMMÁRIO

- NOTÍCIA DE ALGUMAS ESTAÇÕES ROMANAS E ARABES DO ALGARVE.
INSCRIÇÕES ROMANAS DO MUSEU DE BEJA.
ANTAS NO CONCELHO DE VILLA-POUCA-DE-AGUIAR.
EXPLORAÇÕES ARCHEOLOGICAS EM PAÇOS DE FERREIRA.
NOVO ACHADO DE BRACELETES PRE-ROMANOS.
EXTRACTOS ARCHEOLOGICOS DAS «MEMORIAS PAROCHIAES DE 1758».
A CÊRCA DAS ANTAS.
ARCHEOLOGIA EBORENSE.

Este fascículo vae illustrado com 3 estampas.



ARCHIVO HISTÓRICO PROVINCIAL (GRANADA)	
Sala	_____
Sección	_____
Serie	_____
Libro n.º	72

B. 190

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

VOL. II

MARÇO DE 1898

N.º 3

Noticia de algumas estações romanas e arabes do Algarve

(Conclusão, Vid. O Arch. Port., I, 337)

A 600 metros aproximadamente para O. da necropole da Fonte Velha, na mesma zona dos Sobões da Mina e em prédio de José Nobre, existem restos muito interessantes de um lagar romano (*tercularium*).

Numa possante camada de grés que aflora o solo, inclinada de NNE. para SSO., encontra-se uma excavação quadrilonga, semelhante a um tanque, com os dois lados maiores orientados naquella mesma rumo. Mede no lado de NNE. 1^m,42; no lado fronteiro, isto é, no de SSO., 1^m,45; nos outros lados 2^m,25, e na profundidade 0^m,41 ao NNE. e 0^m,26 ao SSO., por causa da inclinação da rocha.

Este tanque, indicado na planta (fig. a) pela letra f, fôra primitivamente revestido com argamassa composta de cal e areia, que até lhe occultava os angulos, substituindo estes por uma curva que ainda subsiste em d.

Rente ao fundo do recipiente, do lado de SSO., um orifício e, de 0^m,2 de comprimento, praticado no grés, communica com outra excavação circular g, de 0^m,82 de diametro, aberta na mesma rocha e que tambem era revestida com argamassa, tendo a profundidade de 0^m,65, no fundo da qual se abre, ao centro, uma fossazinha circular e pouco profunda. Do bordo d'esta especie de cuba parte um pequeno rego h, que termina no ponto em que é maior o desnivelamento da rocha.

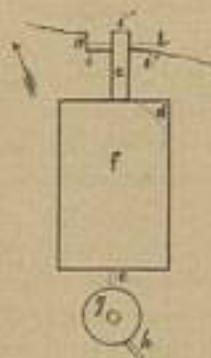
Pelo NNE. do tanque a rocha foi nivelada até 0^m,6 aproximadamente do bordo, ficando nessa distancia um resalto i, i' e i'', muito acima do nivel do mesmo bordo. A parte reintrante i' penetra 0^m,28 pouco mais ou menos na massa do grés, e tem de largura 0^m,23. Com



a mesma largura segue d'ali um sulco pouco profundo *c*, que termina no bordo do tanque.

Na parede vertical da porção saliente *i* do resalto existe, quasi a meia altura, um excavação longitudinal *a*, que a atravessa; e fronteiro ao ponto em que esta excavação communica com o vão da parte reintrante do mesmo resalto, está na parede opposta d'este vão aberto um orificio circular *b*, com diametro aproximadamente igual ao da dita excavação.

Nós pensamos que em *i'* penetrava a extremidade (*lingula*) da vara (*prelum*) do lagar, extremidade atravessada por um orificio correspondente á excavação *a* e ao orificio *b* do grés, de modo que um eixo introduzido por esta excavação, passando pelo orificio da *lingula* e



penetrando no buraco *b*, segurava perfeitamente aquella extremidade da vara, permittindo aliás que fosse levantada e abaixada á vontade.

Esta disposição engenhosa evitava o emprego de poste ou postes verticaes de madeira (*arborea*) bem cravados no solo, que se ligavam á *lingula* da vara por eixo, nos lagares ordinarios, onde as circumstancias do solo eram diversas das que se notam no exemplar que estudamos.

O sulco *c* recebia a parte correspondente da vara, quando esta se abaixava. Sem elle, attendendo á inclinação da rocha, a pesada alavanca, encontrando ali um ponto de apoio, faria provavelmente reben-tar o resalto do grés, onde existia o eixo da *lingula*.

O meio do recipiente *f* era a arca onde se accumulavam os restos das uvas, depois de pisadas, ou da azeitona, depois de moída, e se cobriam com o *orbis*, peça de madeira sobre que actuava a vara, e que era destinada a distribuir com igualdade a pressão.

O suco escorria para o lado de SSO. do mesmo recipiente, e, pelo orificio *e*, ia cair na cuba *g*. Para o trasbordo servia o rego *h*, que

dirigia o liquido sobre um unico ponto, onde seria aproveitado; e para os restos que ficavam no fundo, servia a fossazinha central, onde um pequeno vaso poderia retira-los quasi até ás ultimas gotas.

Qual a epocha do dominio romano a que pertence esta obra, é difficil dizer. Plinio conta que em tempos mais antigos a vara era abaixada por meio de cordas, correias de couro e alavancas; que havia um seculo se tinha introduzido o parafuso, á moda dos gregos, para erguer e abaixar aquella peça; e que depois de vinte e dois annos, isto é, em vida do auctor, tinha-se ainda modificado este apparelho, montando o parafuso no meio do lagar, parafuso que actuava sobre as peças de madeira que cobriam os restos das uvas¹. Mas se exceptuarmos este ultimo systema, que evidentemente não era o do exemplar de que tratamos, não estamos habilitados a resolver qual dos outros seria o adoptado, isto é, se o usado até cem annos antes de Plinio, se o usado depois, até vinte e dois annos anteriores áquelle em que este auctor escrevia. Ignoramos se no grés que para o lado de SSO. estava coberto de terra, existirão os dois buracos em que se fixavam os postes de madeira (*stipites*), que mantinham em baixo o cabrestante (*sacula*), destinado a augmentar a pressão da vara, e em cima a travessa onde existia a roldana que servia para levantar o pesado madeiro, conforme a descripção do mais antigo systema que nos dá Rich; e, ainda que existam, não será seguro concluir que a obra seja anterior a um seculo antes de Plinio, porque o velho systema parece ter continuado em uso, pelo menos até á sua morte, como prova a descoberta de lagares de vinho e de azeite assim construidos, mencionada pelo proprio Rich, em Stabias, povoação sepultada sob uma camada de cinzas e de pedra-pómez, vomitadas pela mesma erupção do Vesúvio que causou a morte do escriptor romano.

O exemplar que fica descripto não é o unico na freguesia de Bensafrim. O reverendo Gloria affirmou-nos que existe outro semelhante, com menores dimensões, em predio seu, conhecido pelo nome de *Lagarinho*.

Restos romanos e arabes encontram-se frequentemente, á superficie do solo, em quasi toda a freguesia e suas circumvizinhanças.

Nós podemos citar alguns que casualmente vimos.

¹ Nat. Hist., XVIII, LXXIV, §§ 6.^o e 7.^o

No sítio do Valle da Vinha, a dois kilometros aproximadamente para o norte da igreja matriz, encontrámos fragmentos de telhas de rebordo no meio de um grande esteval, associados a grupos de pedras que o proprietario nos apresentou como ruínas de sepulturas, mas que na realidade indicavam serem restos de outras construcções.

No Monte Amarello, a dois kilometros mais para o norte, vimos alguns cacos de grandes vasos romanos, talvez de *dolia*, e um fragmento de alguidar arabe, esmaltado de verde, igual ao que já mencionámos neste estudo.

Na caverna de Saborosa, situada a um kilometro aproximadamente para ESE. da igreja matriz, recolhemos um pedaço de louça coberta de esmalte amarello, igual ao de muitas louças arabes que tem sido colligidas no Algarve.

No pequeno povoado da Portella, que fica na estrada pública entre Bensafrim e Lagos, vimos um grande pedaço de *pavimentum* da especie *opus signinum* ainda solidamente fixado no solo de uma rua.

Estes e outros objectos esparsos tem sem duvida pequeno valor archeologico; mas se nos aproximarmos de Lagos, passando a ponte, em direcção á ermida de S. Pedro, a 300 metros pouco mais ou menos para E. d'este edificio, em predio da Sr.^a D. Theodora Amalia da Silva Machado, encontramos obra de maior vulto. Trata-se de uma necropole luso-romana por inhumação, estabelecida na encosta d'esse predio que se acha voltada para O., ao lado da casa de habitação; necropole já muito devastada pela construcção d'este edificio e pela plantação de figueiras, mas onde os estudiosos poderão ainda encontrar bastantes sepulturas intactas.

É a necropole de Marateca.

Fôra o nosso erudito amigo Sr. José Joaquim Nunes quem nos dera noticia d'esta estação, mostrando-nos os bronzes recolhidos em uma das sepulturas, como já dissemos neste estudo. Ao principio pouco nos interessara a descoberta; mas quando elle nos apresentou em sua casa um vaso de barro fabricado á mão, que se encontrara associado ás peças metallicas, ficámos com um vivo desejo de aproveitar uma nova excursão a Lagos, para explorarmos o sítio.

A razão d'este desejo já o leitor terá colhido no que escrevemos á cerca de certas louças de Marim. Presumiamos já então um facto de que hoje estamos inteiramente convencidos, qual o da existencia, entre os povos que habitavam o país, de uma industria ceramica com

feição primitiva em plena epocha romana; e o vaso de Marateca era mais um argumento poderoso a favor d'aquella these.

Por consequencia, voltando a Lagos alguns meses depois, e obtida auctorização da proprietaria do terreno, fomos com o reverendo Nunes estudar a necropole.

Fizemos descobrir seis sepulturas, que estavam intactas. Junto de algumas encontrámos restos esparsos de *opus signinum*, arrancados sem duvida do pavimento de algum edificio.

Duas ou tres lages horizontaes formavam a tampa de cada uma d'estas sepulturas; mas em uma d'ellas as lages estavam cobertas e cimentadas por espessa camada de argamassa composta de cal e areia. No entulho que existia em cima das tampas encontraram-se pedras soltas, fragmentos de *opus signinum* e ossos humanos em desordem.

A presença d'estes ossos em semelhante lugar não nos surpreendeu. Na necropole luso-romana de Ferrestello, situada no concelho da Figueira, verificámos o mesmo facto; e pareceu-nos evidente que taes ossos tinham sido removidos das sepulturas, para darem lugar a outras inhumações. É tambem a explicação que damos ao facto notado em Marateca.

Levantadas as tampas, appareceram seis fossas rectangulares alongadas, abertas na marne calcarea, medindo, termo medio, 2^m,35 no comprimento e 1 metro na largura, todas orientadas, no seu eixo maior, de ENE. a OSO. Comparada esta disposição com a das sepulturas das necropoles de Marim e de Ferrestello, parece fóra de dúbida que não havia uma orientação recta e ritual para todas as necropoles, embora em cada uma d'estas as sepulturas estudadas tivessem aproximadamente a mesma orientação.

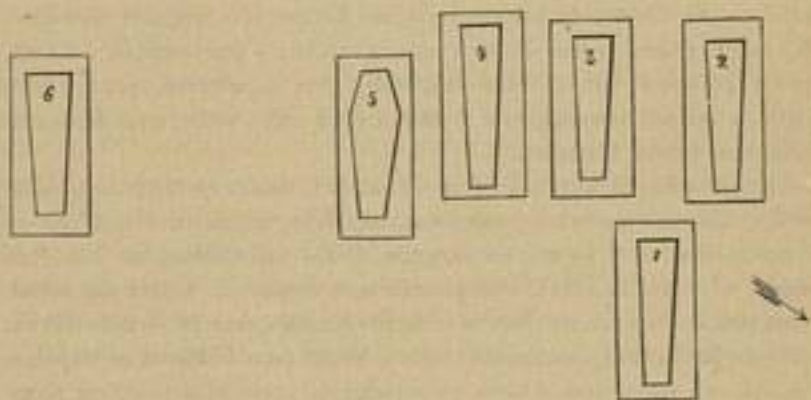
Sómente entre a de Marim e a de Ferrestello ha uma orientação commum, que pôde talvez explicar-se pela configuração do terreno. Em ambos os logares o solo abaixa na direcção do Sul, e em todas as tres necropoles se observa que o eixo maior das sepulturas se cruza em X com a linha do declive do terreno.

Na necropole gallo-romana de Poitiers as sepulturas por inhumação não tinham a mesma orientação. Eis o que a este respeito diz o relatório das explorações: «Il est difficile de tirer quelque conséquence de l'orientation des tombes; la plus grande partie d'entre elles sont creusées du nord au sud, mais il en est aussi qui le sont de l'est à l'ouest, et ce fait se présente pour les sépultures par incinération comme pour celles où les corps étaient simplement inhumés».

Ha contudo exemplos, no estrangeiro, de uma orientação commum não só na mesma necropole, mas em muitas necropoles diversas.

O Sr. B. Reber explorou um grande numero d'ellas, preromanas e da epocha romana na Suissa, pelos arredores de Genebra, Saboia e departamento de Aix, onde as sepulturas eram feitas de lages brutas, como algumas de Ferrestello e da necropole da Granja do Oliveiro, no Valle do Mondego, e observou que em geral os mortos foram inhumados com a cabeça para O. e os pés para E., como se vê da communicação por elle feita na 10.^a sessão do congresso internacional de anthropologia e de archeologia prehistoricas, celebrado em Paris, no anno de 1889¹.

As fossas rectangulares tinham de profundidade 0^m,3 aproximadamente. No fundo de cada uma estava aberta outra fossa mais pequena, com a profundidade média de 0^m,5.



Cinco d'estas segundas fossas eram em fôrma de trapesio alongado, medindo na base, que estava voltada para OSO., 0^m,5, na extremidade opposta 0^m,3, e nos lados 1^m,9 em umas e 2 metros ou 2^m,2 em outras. Uma tinha a fôrma de dois trapesios de altura desigual unidos pelas bases. No seu comprimento e na largura do lado de ENE. não differia das outras; mas media aproximadamente 0^m,6 na base dos trapesios e 0^m,4 do lado de OSO.

Na fig. a-b damos a planta de taes sepulturas. Cinco eram parallelas, distando entre si 0^m,35 a 2^m,9; e uma ficava a ENE. de duas das primeiras, parecendo indicar outra fileira de sepulturas d'esse lado.

¹ *Compte-rendu*, pag. 621-622.

A sepultura n.º 1 era a que tinha a tampa coberta com argamassa. Dentro existia um esqueleto estendido horizontalmente; e ao lado direito do cranio um vaso de fôrma e barro semelhantes ao da fig. 2^a, mas um pouco maior, com uma cancelura em redor do bojo, e sem collo nem asa, cujos fragmentos não foram encontrados na sepultura. Aos pés do esqueleto estavam agglomerados os ossos de outros esqueletos, como em sepulturas de Marim e de Ferrestello; ossos que provinham de inhumações anteriores.

Na sepultura n.º 3 existiam dois esqueletos sobrepostos, estendidos horizontalmente e separados por uma camada de poeira. Attendendo á pequena profundidade da fossa, parece manifesto que a inhumação não fôra simultanea. Depois de consumido o primeiro corpo é que sepultaram o segundo, sem se darem ao trabalho de removerem os ossos d'aquelle.

Cada uma das sepulturas n.ºs 2, e 4 a 6 continha um só esqueleto, na posição dos outros.

Os corpos foram deitados sobre as costas, com as cabeças para OSO., apoiadas em pequenos resaltos da rocha, servindo-lhes de travessieiros, que se acham no fundo das sepulturas, como já tínhamos notado na necropole de Marim. Os braços eram estendidos ao longo do corpo, como nesta necropole e na de Ferrestello.

Pelo que fica dito vê-se que a necropole de Marateca é pobrissima. De mobiliario funebre só recolhemos uma peça—o vaso de barro quebrado, e este na melhor sepultura. O vaso é trabalhado á roda, como o da Moreira; e não nos parece haver dúbida sobre a sua feição romana.

Como não se encontraram pregos, é licito suppor que os corpos não foram sepultados em caixões de madeira¹. Também nos parece que não foram cobertos de terra, porque os esqueletos apenas se acharam envoltos numa espessa camada de poeira ou particulas ter-

¹ Vid. o *Arch. Port.*, I, n.º 8, pag. 194.

² A hypothese de os grandes pregos das sepulturas da epocha romana serem provenientes dos esquifes de madeira que encerravam os cadáveres, acaba de ser confirmada pelos estudos feitos na necropole romana de Mouy-Bury (Oise), recentemente descoberta e explorada pelo abbade Hamard e que pertence ao quarto seculo da nossa era. Sobre a exploração de uma das sepulturas lemos o seguinte: «Un clou, un clou énorme, à large tête triangulaire, apparaît d'abord. Le cercueil, étant de bois, a disparu, pourri, rongé. Les clous qui le fermaient indiquent maintenant la place des parois». *Recue encyclopédique*, 6.º anno, n.º 131, de 7 de Março de 1896.

rosas muito leves, que devem ter sido introduzidas pela infiltração das aguas pluvias.

Os ossos estavam muito decompostos. Apenas se aproveitaram alguns que o Rev.^a Nunes pediu para o Museu Ethnographico Português. Entre elles ha um cranio que nos pareceu brachycephalo.

*

Comparando esta necropole com a de Marim, no concelho de Oihão, e com as de Ferrestello e da Granja da Oliveira, no valle do Mondego, é fóra de dúvida que ha entre ellas certa relação: e é que todas pertencem á mesma epocha—a do dominio romano na peninsula. Mas o systema das sepulturas nas duas necropoles do Algarve é diverso do que observámos nas do Valle do Mondego. Em Ferrestello as sepulturas eram uma especie de caixões com fórma quasi rectangular, feitos com lages brutas ou telhas romanas, ou com ambas estas cousas conjunctamente, como pôde verificar-se nos exemplares que restaurámos no Museu Municipal da Figueira; e na Granja da Oliveira as que vimos eram todas feitas com lages brutas, e só differiam d'aquellas em terem a forma sensivelmente trapezoidal e serem menos toscas. Em umas e outras não apparecem vestigios de argamassa.

A differença entre estas duas necropoles e as do Algarve explicar-se-ha sómente pela diversidade dos povos que habitavam o Sul e o centro do país ou por serem de diversos tempos do longo dominio dos Romanos? Adeante tocaremos ligeiramente esta questão, que por enquanto não nos parece poder decidir-se com segurança.

O mais interessante é que as differenças, embora de pouca importancia, entre as duas necropoles do valle do Mondego, podem tambem levantar a mesma questão de ser qualquer d'ellas anterior á outra. Por debaixo de um pavimento de mosaico da sumptuosa casa romana que existia no sitio da capella de Nossa Senhora do Desterro, em Montemor-o-Velho, casa que parece ter sido destruida por um incendio, e cujas ruínas a selvageria dos tempos modernos tem systematicamente feito desaparecer, vimos uma sepultura trapezoidal inteiramente semelhante ás da Granja da Oliveira que fazia talvez parte da necropole cujos restos nos appareceram esparsos na excavação a que procedemos no adro da referida capella. Esta necropole, anterior sem dúvida á construcção do nobre edificio romano, e tão antiga que os constructores d'este não tiveram noticia d'ella (de outro modo não

teriam naturalmente escolhido semelhante lugar), devendo ser contemporânea da outra, pode auctorizar a conjectura de que ambas serão anteriores á de Ferrestello, onde já se empregava a telha romana em vez da lage bruta. Mas, se attendermos á relação que parece existir entre as sepulturas de Ferrestello e os proximos depositos de Santa Olaya, onde estudos muito recentes nos vieram demonstrar que existia um castro, é mais verosimil a hypothese de que a de Ferrestello é anterior ás outras.

Seja, porém, como for, as diferenças não são de tanta importancia que possam fazer suppor um longo periodo de tempo decorrido entre as duas necropoles do valle do Mondego. Achamos até verosimil que pertençam ao mesmo periodo historico, e que o emprego das telhas se explique pela escassez das lages em Ferrestello e nos terrenos vizinhos. O que principalmente apoiaria esta hypothese seria o facto de nas sepulturas d'esta necropole se aproveitarem até pequeninas pedras chatas e fragmentos de tijolos e de telhas, indícios da carencia de melhor material. Por outro lado nós não pudemos examinar na Granja do Oliveira senão duas sepulturas, que estavam violadas. O parcho da freguesia, cuja ignorancia nos causou verdadeiro assombro, obsteu a que proseguissemos na exploração, por estarem as sepulturas em terreno que fórma o adro da igreja; e por isso não sabemos se todas serão construidas com lages, e se terão a mesma fórma. Dentro de uma das sepulturas, onde tudo estava em desordem, encontrámos fragmentos de telhas romanas; e nada se oppõe á conjectura de que estes objectos tivessem feito parte das peças que cobriram outr'ora a mesma sepultura.

O numero d'estas pobrissimas necropoles por inhumação da epocha romana parece indicar um facto analogo ao que o Sr. Reber inferiu das que explorou na Suissa, isto é, que pertenceram á população autochtone do país. Este facto não discorda do que dissemos á cerca da condição servil dos mortos de Marim, porque a peninsula deve ter sido para os Romanos um viveiro de escravos. Eis o que a este respeito diz Herculano: «País domado pelas armas, a Peninsula devia ter visto cahir muitos dos seus filhos na servidão. Era por meio dos escravos que os romanos cultivavam as terras, e é sabido a que ponto de tyrannia a escravidão chegou entre elles. Os servos agricultores foram os mais opprimidos pela deshumanidade e pelo capricho dos senhores do mundo¹».

¹ *História de Portugal*, tomo 1, pag. 40.

Sepulturas propriamente romanas seriam as da necropole por incineração da Fonte Velha, que ficam descriptas, as que se descobriram no pender septentrional do outeiro de Santa Olaya, quando foi construída a estrada entre Figueira e Coimbra, sepulturas que encerravam bellas amphoras e um variado mobiliário de bronze, alguns dos sarcophagos de pedra encontrados no sítio do castello de Montemor-o-Velho, que foram partidos e empregados na alvenaria dos muros do cemiterio, e as oito sepulturas de tijolo abobadadas que se acharam ao lado das ruínas de Nossa Senhora do Desterro, e que foram logo destruídas!

Estudando as necropoles das circumvizinhanças de Cascaes, o fallecido Francisco de Paula e Oliveira fez algumas observações que concordam com as que deixámos indicadas. Nas de Manique de Baixo, de Bicesse e de Alcoutão as sepulturas, feitas de lages brutas, eram quasi quadrangulares e oblongas, precisamente como as de Ferrestello, mas orientadas a L.-O., e não de NO. a SE., como estas ultimas, e não estavam guarnecidas com lages no fundo. Relativamente ás de Alcoutão o illustre anthropologista não affirma absolutamente a orientação a L.-O.: emprega os termos — *à peu près*, que autorizam a pensar que na propria necropole havia variantes; e é o que de facto se nota na planta que acompanha o seu escripto. As sepulturas d'esta necropole estavam dispostas em diversas filas, como tambem indicava a disposição das de Marim e de Marateca, na vertente SE. de uma eminencia, cruzando por isso o seu eixo maior (L.-O.) em X com a linha de declive do solo, como naquellas necropoles e na de Ferrestello. Em algumas os intersticios das lages eram tapados com cal e tijolo britado, talvez fragmentos soltos do *opus signinum*, como em Marateca, mas de que não havia vestigios em Ferrestello e nas duas sepulturas da Granja do Oliveira.

Na mesma necropole de Alcoutão cada sepultura continha um, dois e raramente tres esqueletos estendidos sobre as costas, com as cabeças para O.¹ e os bracos ao longo do corpo, e ossos de outros esqueletos agglomerados aos pés. Esta disposição dos esqueletos sobre as costas,

¹ Na necropole romana de Mouy-Bury, que pertence ao século IV da nossa era, como dissemos, os corpos ficavam com as cabeças para Oeste. «Le mort regardait l'ouest, suivant l'orientation générale des tombes romaines, variant à peine de 15° à 25°». *Revue Encyclopédique*, loc. cit.

a dos braços e a aglomeração de outros ossos aos pés são communs ás duas necropoles algarvias e á de Ferrestello; e a sobreposição de dois esqueletos appareceu, como vimos, em Marateca. O Sr. Paula e Oliveira opinou, como nós, á cerca dos ossos agglomerados. «Cette circonstance (diz elle), semble indiquer qu'il y eût des inhumations successives dans les mêmes tombes; les restes des cadavres plus anciens étant plus écartés, ou même rejetés en partie au dehors, pour céder l'emplacement aux morts récents».

Na necropole de Abujarda, situada na vertente meridional de uma collina, as sepulturas, dispostas em filas e em fórma semelhante ás de Alcoutão, eram pela maior parte orientadas a L.-O. e algumas a N.-S. Entre as primeiras havia exemplares construidos com lages apparelhadas ou com paredes de tijolos, como em sepulturas de Marim, mas revestidas interiormente com argamassa composta de cal e areia.

O erudito explorador, encontrando nesta e nas outras necropoles os esqueletos envolvidos por uma camada de terra muito tenue e ligeira, precisamente como nas necropoles de Marim e de Marateca, pensou que não tinha havido o uso de cobrir os corpos com terra, attribuindo a que envolvia os ossos ás infiltrações. Em Ferrestello uma sepultura mais bem vedada tinha apenas uma insignificante camada de poeira, que não cobria os ossos; mas as outras, muito rotas, estavam completamente entulhadas pela areia que constitue o proprio terreno da necropole. Na sepultura de Nossa Senhora de Desterro, a que alludimos, a poeira tambem parece que não chegava a cobrir os ossos. Quanto á necropole da Granja nada podemos ajuizar sobre este ponto, porque as duas sepulturas já não tinham tampa.

Nuna das necropoles de Murches as sepulturas, tambem enfileiradas, eram simples fossas abertas no solo, cobertas com lages brutas, como em Marateca e nalgumas sepulturas de Marim, e estavam invariavelmente orientadas de ENE. a OSO., precisamente como na primeira d'estas duas necropoles; mas os esqueletos jaziam inclinados sobre o lado direito. Noutra necropole de Murches as sepulturas eram construidas e orientadas exactamente como em Alcoutão.

O Sr. Paula e Oliveira affirmou que todas essas necropoles de Cascaes, com excepção da penultima, pertenciam á epocha romana; e nós estamos convencidos de que a propria exceptuada é da mesma epocha, attendendo á sua semelhança com as duas necropoles algarvias, onde não é licito duvidar da presença da industria romana. Pensou tambem que seriam do começo do dominio romano, provavelmente do segundo seculo antes de Christo, que foi quando os povos do Oeste da Peninsula foram definitivamente subjugados.

Quanto a nós, até provas concludentes em contrário, as do valle do Mondego, a de Alcoutão e todas as mais em que as sepulturas são do mesmo typo pertencem, como teremos de mostrar em outro escripto, aos primeiros tempos do dominio romano, que começou nos fins do seculo III antes de Christo, sem que possamos determinar até quando subsistiram. A de Abujarda, onde á sepultura do typo de Alcoutão já se acha associada a fossa revestida com paredes de tijolo e argamassa, pertence talvez a um tempo de transição, que no estado actual dos nossos conhecimentos não póde limitar-se com datas precisas. A de Marim, onde a sepultura com paredes de tijolo ou pedra e cal se acha associada á simples fossa aberta na marna calcarea e coberta de lages brutas, a de Marateca e a primeira necropole de Murches, onde as sepulturas conhecidas são todas d'este ultimo typo, parecem ser posteriores a todas as outras necropoles.

Do facto de os Romanos terem introduzido na Peninsula o uso da incineração não póde concluir-se que estas tres ultimas necropoles sejam muito antigas e anteriores áquelle uso. A simples fossa tambem era um uso romano, como já dissemos neste estudo: applicava-se á plebe mais miseravel de Roma. O uso da cremação coexistiu sempre com o da inhumação até nas provincias; e a prova mais evidente está na necropole gallo-romana de Poitiers, que pertence já aos seculos II e III da nossa era: sendo muito para notar que algumas das sepulturas por inhumação d'esta necropole tambem consistiam em simples fossas abertas no solo, com um resalto no fundo para apoiar a cabeça, e cobertas com lages, e outras eram revestidas com paredes de tijolo, como na referida necropole de Murches e nas duas do Algarve.

De resto o Sr. Paula e Oliveira emette francamente a opinião de que as necropoles de Cascaes, attribuidas por elle á epocha romana, pertenceram á população autoctone¹.

¹ Vid. *Antiquités préhistoriques et romaines des environs de Cascaes*. Do seculo IV depois de Christo é a necropole romana de Mouy-Bury, a que já nos temos referido; e as sepulturas alli são por inhumação. A noticia que dá a *Revue encyclopédique*, n.º 131, do corrente anno, diz que são feitas com lages; mas não sabemos se estas têm algum aparelho, ou se são brutas. Nesta última hypothese teriamos até muito tarde na Gallia o typo archaico das sepulturas de Alcoutão e de Ferrestello.

Para Oeste de Lagos, quasi a metade da distancia entre esta cidade e Sagres, está a povoação de Búdens; e a dois kilometros aproximadamente para o Sul d'esta povoação, fica o logar da Boca-do-Rio, sobre a costa do mar.

Neste ponto existem umas ruínas romanas que Estacio da Veiga explorou em parte, e que presentemente se acham muito destroçadas. Os nossos serviaes, que eram de Búdens e conheciam bem o logar, e um outro homem, que trabalhou alli ás ordens d'aquelle explorador, e que depois ficou por muito tempo de guarda ás ruínas, informaram-nos que o mar destruíra já um grande molhe, dique ou caes, que existia em frente dos restos da casa, sobre a praia. A falta de providencia na exploração causara em pouco tempo a perda de uma obra que durante seculos resistira ao embate das ondas. Para arrancarem uma lapide com inscripção e outras pedras interessantes, que estavam na cortina d'esse molhe ou caes, abriram por alli uma via ao mar, que lambeu e levou os aterros, e reduziu os muros a um montão de pedras.

Já não vimos praia de areia: só pedras de construcção até á orla do mar. As ondas vinham cuspir-nos a tres metros de distancia da parte descoberta do edificio, que ainda se acha de pé.

Esta parte compõe-se dos envasamentos das paredes de duas pequenas camaras quadrangulares e contiguas, mas sem communicação entre si, dispostas numa linha parallela á orla do mar. Na face exterior da parede meridional da camara do nascente, face que fica fronteira ao sitio que fôra occupado pelo molhe ou caes, notámos uns restos de revestimento com argamassa, que nos indicaram o nivel do pavimento d'esta obra. Esses restos pertenciam ao remate inferior do revestimento.

Notámos ainda que houvera diversas camadas de revestimento, sobrepostas, todas com pinturas a *fresco*. D'aqui inferimos que esta face decorada pertenceria ao interior de alguma outra camara mais vasta, que existisse pelo lado do molhe, ou estaria dentro de algum portico que abrisse para o mesmo lado. Esta última hypothese é talvez a mais verosimil, porque nos contaram que sobre o molhe ou caes encontrára Estacio da Veiga restos de columnas. Inferimos tambem que já na epocha em que o edificio foi habitado, o mar galgara por vezes o molhe e destruíra o revestimento da parede, obrigando os moradores a refazerem a obra. O apparelho do revestimento é seme

lhante ao de Marim; e os restos de pinturas apresentam as cores azul e castanho.

Nessa camara do nascente, que fizemos desentulhar de novo, encontrámos um pavimento de mosaico, já muito destróçado, representando talvez uma grande estrella, e tendo em volta uma cercadura de phantasia. Os cubos (*tessela*) são de calcareo branco e amarello e de uma rocha azulada. O mar não foi aqui o principal elemento de destruição. A argamassa em que assenta o mosaico, foi preparada com areia do mar, e desfaz-se facilmente com a simples pressão dos dedos. Mal se comprehende que os Romanos commettessem semelhante erro.

Na camara do poente o pavimento era de terra. Ignoramos se assim estaria sempre; mas é provavel que tambem alli tenha existido um pavimento de mosaico. Excavada a terra, que estava duríssima, parecendo ter sido apisoada, verificámos que a 0^m,5 aproximadamente de profundidade o entulho era de areia. Neste entulho recolhemos pregos de ferro, cobre e bronze, um anzol de bronze, uma agulha de osso, cujo fundo foi partido no acto da exploração, um grande dente de javali engastado em cobre ou bronze com anel de suspensão, e restos de ceramica muito fina e de vasos de vidro.

Os prégos teem secção quadrangular e cabeça achatada. O anzol é feito de uma haste conica com o diametro maximo de 0^m,003, achatada na parte em que é ligada pelo fio, como os nossos anzoes actuaes, mas sem farpa na ponta, á semelhança de certos exemplares da epocha do bronze. A agulha é uma haste cylindrica, polida, com a ponta espessa e talhada obliquamente, medindo até ao ponto da fractura, onde conserva vestígios do fundo, 0^m,08. O dente de javali devia talvez ser um amuleto, que se trazia suspenso ao pescoço. Entre os gauleses apparecem ás vezes estes objectos suspensos no *torques*. O Sr. J. de Baye communicou na 10.^a sessão do congresso internacional de anthropologia e de archeologia prehistoricas, celebrado em 1889, que em uma sepultura gaulesa de *Saint-Jean-sur-Tourbe* (Marne) encontrara um dente enfiado em anel suspenso d'aquella peça¹.

Para Oeste das ruinas, na elevada barreira de terra e areia que o mar vaes destruindo, a excavação descobriu um pequeno cano, feito de alvenaria ordinaria, tendo o fundo revestido com telha curva (*imbrex*) e a cobertura de lage. Este cano vem do lado do Norte; mas não tivemos tempo para segui-lo com a excavação, a fim de conhecermos a sua origem.

¹ *Compte-rendu*, pag. 312 e 313.

Esparsos no seio da terra appareceram fragmentos de vasos de vidro e de barro fino, parte de uma lampada (*lucerna*) de barro, o collo e bocca de um grande vaso com duas asas, uma asa horizontal do outro vaso mais robusto, tres fragmentos de placas de marmore de diversas côres, uma placazinha de cobre, um pequeno prego do mesmo metal e uma moeda de bronze muito oxydada.

Pelo Norte e contiguo á camara do nascente encontrámos um grande deposito de rebotalhos de cozinha, consistindo principalmente em valvas de molluscos marinhos, onde recolhemos alguns pregos e um escopro (*scalprum fabrilis*) de ferro, este último de secção quadrangular junto á cabeça e achatado e mais largo para o lado do gume, medindo no comprimento 0^m,16.

Os vidros recolhidos nestas excavações são brancos ou esverdeados. Entre os primeiros figura o fundo de uma pequena taça com pé. Na ceramica mais fina ha a coberta vermelha e lustrosa de que demos noticia a respeito das louças de Marim, e ornatos de phantasia em relêvo, como em algumas peças da necropole da Fonte-Velha. Apenas um exemplar apresenta a figura de um guerreiro, com o escudo adiante do peito e a lança ao hombro. Parece-nos que esta ceramica é a que alguns chamam *samiana*, que teve sua origem na célebre ceramica de Arezzo.

Eis o mais importante d'estas ruinas. É pouco, sem dúvida; mas nós pensamos que ha alli ainda muito que explorar, pelo lado do Norte das ruinas descobertas, se attendermos ao plano geral das casas de habitação romanas e á existencia do cano que vem do interior da terra. Na collina que se ergue do lado do Oeste tambem devem encontrar-se vestigios interessantes. Nós fomos informados de que alli se tem descoberto sepulturas.

Alem das estações que temos tentado descrever, colhamos noticia de outras durante as nossas excursões entre Tavira e Búdens, sobretudo nas vizinhanças de S. Braz de Alportel e na freguesia da Mexilhoeira Grande. O Algarve está juncado de restos da epocha romana, cujo estudo absorveria mais do que a vida de um individuo, e só podia ser feito com enorme sacrificio de cabedal, a avaliar as despesas pelo que nos custaram as nossas explorações. Nós não podiamos ir mais longe, nem o objecto dos nossos estudos o permittia; e por isso deixamos a outros a tarefa de inventariar tudo o mais que por lá existe.

A. DOS SANTOS ROCHA.

Inscrições romanas do Museu de Beja

Na sala de «Gomes Palma» ha uma lapide, com o n.º 6, apparecida em Agosto de 1885 na herdade do Carrascalão, concelho de Beja. Tem a inscripção seguinte:

IVLIAECF
MAXIMAE
C... MAXIMVS
.....ATRI

Linha 3.ª—A pedra está gasta. A primeira lettra é duvidosa, mas parece-me ser C. Depois ha uma falha. A lettra seguinte deve ser M, mas só se vê parte. A lettra seguinte creio ser A.

Linha 4.ª—só se lê ATRI, mas deve faltar um M.

Teremos pois:

Juliae C. F. Maximae. C..... Maximus matri.

Isto é:

Caio..... Maximo [dedicou este monumento] a sua mãe Julia Maxima, filha de Caio.

Vem a faltar o nome do dedicador.

*

Na mesma sala ha outra lapide, com o n.º 33, em que leio:

.....
1. PRL...V
SVIC...A
NSLXXV
FRATER
5. PO^o VIT

A pedra em que está a inscripção serviu de pia e está muito picada, de modo que não sei o que se achava antes da primeira linha; talvez fosse só D · M · S.

Linha 1.ª—A terceira lettra devia ser E, mas só se vê a parte inferior d'esta lettra. Entre a lettra seguinte, de que só se vê uma haste, e o V final cabiam duas lettras. Não me atrevo a recompor a palavra.

Linha 2.^a—O S inicial é duvidoso; mas parece ser antes S do que C. Fará parte da palavra antecedente? Não me atrevo a recompor a linha. A última letra deve ligar-se com as duas letras da linha 3.^a, constituindo com ellas a palavra ANS=AN(i)S. Ha nas inscrições outro exemplo de ANIS em vez de ANNIS: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, *Suppl.*, pag. 1185.

*

Em 1894 appareceu nos entulhos do Palacio dos Infantes, em Beja, uma lapide calcarea com uma inscrição bastante maltratada. Creio lê-la assim:

D IVLIO DFCAL
SAT...NINO
PVBLCI RT/

D. Julio D. f. Gal. Saturnino: Publica liberta.

Isto é:

A Decio Julio Saturnino, da tribu Galeria, filho de Decio: Publica, sua liberta [consagrou este monumento]. Ou será Liberta um cognome¹?

Nas inscrições pacenses² apparece mais vezes menção da tribu Galeria.

J. L. DE V.

Antas no concelho de Villa-Pouca-de-Aguiar

É grande o numero de antas neste concelho.

Alem das que se encontram no planalto do Alvão, e que tem sido exploradas pelos Rev.^{dos} P.^{es} Brenha e Rodrigues, descobriram-se, ha pouco, algumas nos montes a nascente de Villa-Pouca, situadas, umas no monte conhecido pelo nome de Presa, e outras nas ramificações da serra de Padrella. Das encontradas na Presa tive occasião de observar cinco, ha poucos dias, de que vou tentar fazer rapida descripção.

¹ No *Corp. Inscr. Lat.*, VIII-10801, lê-se *Caecellia Liberta*, onde *Liberta* parece ser cognome. Cfr. De Vit, *Onomastica*, s. v.

² Isto é, de Paz-Julia, nome da cidade de Beja na epocha romana.

No sitio do alto da Presa, a muito pequena distancia do *marco* que separava o antigo concelho de Villa-Pouca do extinto concelho de Alfarella de Jalles, partindo de Villa-Pouca, encontra-se ao lado esquerdo da estrada districtal n.º 17 (de Villa-Pouca a Murça):

1.º Uma anta constituída por seis esteios de 2^m,50 de altura, de 0^m,80 a 0^m,50 de largura, e 0^m,30 a 0^m,35 de espessura, circundada por uma mamôa de cinco a seis metros de diametro, composta de terra e fragmentos de seixos, sem mesa, e assente, assim como os esteios, em rocha.

A porta ou abertura da anta está dirigida para Nordeste e é formada por duas pedras de 0^m,60 de alto, e 1^m,20 de comprimento, e 0^m,25 de largura, separadas uma da outra 0^m,60 na entrada da anta e 0^m,50 na extremidade voltada para fóra.

Ha de notavel o entrarem as duas pedras da galeria pela crypta da anta, a cujos esteios se encostam de um lado e de outro muito intimamente.

Da galeria nada mais se encontra, nem o esteio que devia assentar nestas duas pedras.

Esta anta estava devassada, e, apesar de explorada com todo o cuidado, não deu cousa alguma.

2.º A 50 metros ao Sul d'esta anta encontra-se outra, de dimensões menores, com a porta dirigida para Sudoeste, constituída por cinco pedras apenas, assente em rocha da mesma natureza (schisto) da do n.º 1, com uma mamôa nas mesmas condições. Foi igualmente devassada. As pedras da extremidade central da galeria não entram na crypta, como as do n.º 1. A exploração d'esta anta nada produziu.

3.º A 15 metros da anta do n.º 2 encontra-se um esteio apenas de outra anta, sem mamôa. A exploração do local tambem foi sem resultado.

4.º A 150 metros da anta n.º 3, em um pequeno outeiro, descobre-se, a distancia, a parte superior de outra anta, que examinada de perto se vê ser a maior de todas. Entram na sua formação nove esteios, de altura e espessura igual á dos das outras, mas geralmente de maior largura. Não tem mamôa, nem mesa, e a galeria é na direcção de Sudoeste.

A distancia que separa dois esteios voltados para Sudoeste (0^m,14) mostra bem a força d'aquelles que tentaram arrancá-los.

A anta está assente em rocha granítica, e não deu mais do que dois fragmentos de facas de silex, um de 0^m,10 de comprimento e outro de 0^m,08, de dorso quadrangular, e um fragmento de um instrumento polido de diorite.

5.º A 400 metros para ponte da anta n.º 1 encontra-se outra composta de seis pedras de 1^m,12 de altura e das demais dimensões das outras, sem mamão nem galeria. Os esteios e pedras das galerias são todos de granito, como os das antas do Alvão. Nesta anta também não achei nenhum objecto archeológico.

HENRIQUE BOTELHO.

Explorações archeologicas em Paços de Ferreira

1. Monumento das Mourinhas

No dia 4 de Fevereiro de 1896, no sítio denominado as *Mourinhas*, freguesia de Zamoso, concelho de Paços de Ferreira, junto á ponte de Bairros, na estrada de Negrellos a Raimonda, foi encontrado em terreno inculto, a cuja arroteia se procedia, um *forno* que continha panellas de barro, cinzas e carvão.

Tendo noticia d'este facto na última quinzena do mês, fui ali no dia 25, a fim de apurar o que fosse o annuciado *forno*, que, consoante dizia o meu informador, se prolongava em fôrma abahulada á semelhança de uma machina do caninho de ferro, embora eu soubesse que do achado quasi nada restava, porque o achador, na convicção de que tudo aquillo era ouro *encantado*, que os Mouros ali haviam escondido, o desfizera, sem dúvida por mingua do celebrado livro de S. Cypriano, a golpes de alvião e enxada.

Pelos poucos vestigios encontrados e pelas informações que colhi, verifiquei que se tratava de um *monumento sepulchral* em fôrma de pipa, como fundadamente conjecturara o Sr. Dr. Martins Sarmiento ao communicar-lhe as novas do meu informador.

O monumento, orientado a Nordeste, constava de duas partes distinctas, mas conjunctas.

A primeira parte, informou o achador e destruidor, em fôrma conica, idêntica á dos actuaes fornos de pão, era formada de barro vermelho e media de comprimento 0^m,80 pouco mais ou menos. A porta, cuja altura era de 0^m,85, era construida de pedras mal trabalhadas, quasi em bruto (ainda vi uma das ombreiras), com os rasgos, em que assentava a tampa, feitos do mesmo barro.

Nesta parte, a que poderemos talvez chamar o atrio do jazigo, estavam quatro vasos de barro escuro, dois de 0^m,30 de altura e dois de 0^m,40; os primeiros cobertos com testos do mesmo barro e os segundos sem tampa; e no meio d'elles cinzas e carvões. D'estes

vasos apenas restam insignificantes fragmentos, que nos mostram que a pasta de que eram formados era muito grosseira.

A segunda parte do monumento, aquella que propriamente era em forma de pipa, ou melhor de bahu, ligada com a primeira, e para a qual se communicava por uma entrada feita nesta, mas de menores dimensões que a anterior, estava construida entre uma rocha vulgarmente chamada *pedra picarra*, a qual foi adaptada para este fim.

O pavimento era formado de barro vermelho e a abobada do mesmo barro, pedregulho e areia, tudo argamassado, e esta sustentada por arcos feitos de pedras pequenas ligadas com argamassa e apoiadas em pilares identicamente construidos e assentes da parte do Sul em alicerce de 0^m,30 de altura formado no penedo adjacente, e do Norte no pavimento, e encostados a um revestimento de pedregulho e barro argamassado de 0^m,40 de espessura, e este ao penedo.

Os pilares, talvez seis, eram salientes, e mediam 0^m,35 por cada uma das quatro faces, e equidistavam 0^m,20, formando assim cavidades interiores d'esta dimensão. Pilar e arco, medido interiormente em extensão, dava 1^m,60; abertura do arco 0^m,95; do pavimento ao fecho do arco 0^m,80.

De todo este curioso monumento, e tanto mais que ao Norte do pais não havia conhecimento de semelhantes, apenas existiam, quando o visitei, o segundo arco posterior completo e parte do primeiro e terceiro e a correspondente aboboda; hoje já não existe grande parte d'estas reliquias, porque o povo, sabendo que eu trouxera para o Museu da Sociedade Martins-Sarmiento uns pedaços de barro e argamassa, entenderam que estes restos não seriam transportados para Guimarães, se por ventura não contivessem *encantado* o luzente metal, e por isso não se descuidou, apesar de todas as recommendações, e talvez por isto mesmo, de destruir quasi tudo. *Auri sacra fames!*

No prurido de tanto legislar, que ultimamente se tem apoderado dos nossos poderes publicos, não haveria ensejo para prohibir com graves penas a destruição d'estas apreciaveis velharias, que tamanho auxilio fornecem para o estudo das civilizações, que nos precederam? Creio que já em tempo se legislou alguma cousa neste sentido, e não era por conseguinte grande novidade fazer reviver essa legislação.

2. Forno dos Mouros (dolmen)

A quatrocentos metros pouco mais ou menos do monumento, que fica descripto, existe sob a denominação que epigrapha esta noticia, na Veiga de Zamoso, a pequena distancia do logar de Condominhas,

em terreno plano, uma elevação, povoada de carvalhos, alguns já seculares, que não é outra cousa que uma *mansão* no centro da qual se ergue um *dolmen* ou *anta*, a que aquella serve de resguardo.

Em boa hora me informaram da existência do *Forno dos Mouros* por occasião das pesquisas no monumento referido; não obstante ter o *dolmen* já em tempos remotos sido violado por algum *devoto de S. Cypriano* (como o indica o achar-se partida e separada d'elle uma parte da cobertura e o pouco resultado que me deu a sua exploração), mereceu todavia desde logo as minhas attensões.

Fiz a exploração no dia 27 de Fevereiro, mandando extrahir toda a terra e pedras meudas que entulhavam a camara, achando-me continuamente cercado de curiosos, dispostos quiçá a arrebatarem o *ouro*, que eu *desencantasse*. A minha salvaguarda estava porém no digno administrador de Paços de Ferreira, o Sr. Albano Moreira Araujo Mendes, cavalheiro a quem devo, entre outras finezas, a aquisição da licença para esta exploração, que conseguiu do seu parente o Sr. Casimiro Meirelles, dono do terreno¹.

Foi baldada a esperança das minhas sentinellas vigilantes; apenas encontrei um *machado de pedra* e metade de uma *faca de sílex*, objectos estes que serão conservados no museu da Sociedade Martins-Sarmiento, e nada mais, sendo por conseguinte mais que provavel que o primitivo profanador recolhesse alguns outros objectos, que ali deveriam existir.

A lage, que serve de cobertura do *dolmen*, mede exteriormente em circumferencia 10^m,35 e interiormente, á face dos esteios, 9^m,90; o pavimento da camara mede 2^m,80 de comprimento por 2^m,30 de largo. A cobertura assenta sobre nove esteios de dois metros de altura, estando dois d'elles truncados na parte superior, o quarto, a que falta 0^m,20, e o quinto, a que falta 0^m,90. A largura dos esteios é respectivamente, a começar da entrada para Norte: 0^m,45, 0^m,50; 0^m,40; 0^m,65; 0^m,50; 1^m,51; 1^m,30; 0^m,65; 0^m,65. O fundo da camara é, como se vê, formado pelos esteios sexto e sétimo, que estão perfeitamente verticaes, ao passo que os outros obliquam 8 para o alto.

O *dolmen*, servido por uma galeria em parte ainda coberta, pois uma das pedras, que a cobre, está ainda no seu primitivo logar sobre as paredes lateraes, e uma outra, de 1^m,20 de largura, está atravessada

¹ Devo igualmente muitos serviços nestas explorações ao illustre presidente da camara municipal de Paços, o Sr. Dr. Luis Alves Pinheiro Torres, e ao meu collega Rev.^a Bento da Silva Bravo, abade de Codeços, que tambem tem a seu cargo a parochialidade de Zamoso.

na entrada, tem a porta para nascente, como alás é commum nestes monumentos prehistoricos. A galeria ainda não foi completamente desobstruida por falhar o tempo na occasião, mas brevemente se realizará este serviço, sendo provavel, que appareçam mais algumas pedras da coberta sem terem sido violadas.

Não ha receio, creio eu, de que este *dolmen* seja destruido, porque, alem das recommendações do meu amigo abbade de Codeços, produzirão por certo efficaz resultado as disposições conhecidas do Sr. administrador de Paços, que, auctorizado pelo proprietario, está determinado a proceder judicialmente contra os invasores da propriedade alheia.

Vem a proposito terminar por uma boa noticia: as explorações archeologicas no concelho de Paços de Ferreira vão proseguir, graças á iniciativa do digno delegado do procurador regio o Sr. Dr. Francisco Dias do Soccorro e do meu amigo e patricio o Sr. Abilio de Magalhães Brandão, actual recebedor de Paços. Alem do relatado numa correspondencia, que ha dias inseria *O Commercio do Porto*, tenho conhecimento d'estes projectos por informações particulares.

Oxalá que estes cavalheiros não afrouxem nos seus uteis empreendimentos. Paços de Ferreira tem muito que explorar no campo archeologico.

Tagilde, Março de 1896.

OLIVEIRA GUIMARÃES.

Novo achado de braceletes pre-romanos

N-*O Commercio do Porto*, n.º 37, de 12 de Fevereiro de 1896, publicou-se a seguinte noticia que foi reproduzida noutros jornaes.

«Oliveira de Azemeis, 10 de Fevereiro.—Um pobre sapateiro das Baralhas, de Macieira de Cambra, mandou construir uma parede para suporte de terra, no quintal da sua modesta habitação. Porque a obra não estivesse com a devida segurança, ou por falta de bons alicerces, desmoronou-se, e o sapateiro, para que não succedesse o mesmo ao reformar essa parede, excavou elle proprio o terreno para arranjar alicerce mais firme. Quando procedia a esse serviço, viu que a enxada levantava umas argolas metallicas. Examinou-as e pareceam-lhe de metal amarello. Mostrando o seu achado a diversas pessoas, deram-lhe de parecer que fosse ao Porto a fim de verificar se ellas

eram ou não de ouro. O homem, effectivamente, foi a essa cidade, e levou tres das dezaseis manilhas que encontrou, e ainda uma peça em fórma pyramidal. Um ourives disse-lhe logo que ellas eram de ouro e deu-lhe trezentos e tantos mil réis pelas tres. O homem, cheio de contentamento, voltou para casa, e já conta apurar mais de dois contos de réis nas restantes manilhas. Estas peças tem a fórma de meia lua e são de diversos tamanhos, algumas de bastante peso. — (Do nosso corresp. L. C.)»

Quando li esta noticia, escrevi a meu primo Joaquim Augusto da Costa Basto, de Oliveira de Azemeis, a pedir informações á cêrca do achado, e elle deu-me as seguintes, que obtive de um amigo.

«Os braceletes são de diferentes dimensões, todos lisos, sem o menor ornato. Tive um em meu poder, que me foi confiado pelo Dr. José Luciano, de Teomonde. Mandei-o pesar: pesa 197 grammas. Este bracelete é um dos maiores. Dizem que o ouro é de subido toque. Dá um som grosseiro, isto é, pouco sonoro, e a côr é mais clara que a do nosso ouro.»

Com estas informações vinha o esboço de um dos objectos, e por elle vejo que se trata de braceletes iguaes, ou muito semelhantes, ao que E. da Veiga descreveu nas *Antig. do Algarve*, IV, 191, e desenhou na est. XXII. É dos typos mais vulgares. Junto-se a menção do bracelete das Baralhas á lista que publiquei n-*O Archeologo*, I, 22-22.

Tendo eu tornado a escrever a meu primo Costa Basto, perguntando-lhe se perto do local do achado haveria algum castro, ou outros restos de antiguidades, bem como lendas de Mouros, recebi as notas que publico adeante, e que um amigo d'elle lhe enviou:

«Appareceram os braceletes (dezaseis) no lugar das Baralhas, freguesia de Castellões, do extinto concelho de Macieira de Cambra.

Ha muito perto, a distancia de uns trezentos metros, restos de paredes, bem como se encontram cacos de tegulas, em quasi todo o monte do Castro, que fica situado entre o referido lugar das Baralhas, pelo N., o lugar do Carvalhal, da freguesia de Ossella, pelo S., o rio Caima pelo Nascente, e o lugar dos Salgueiros, pelo Poente.

Os cacos e os vestigios de paredes abundam sobre o lugar do Carvalhal, até ao cume do monte.

Correm tradições dos Mouros. E ainda existe no referido monte, a Nascente, uma capellinha, com a invocação da Senhora do Castro, que a lenda diz ter sido edificada nos primeiros tempos da nossa monarchia, e onde é costume irem algumas freguesias de Cambra (Codal, Villa-Chã, Castellões e Macieira) em procissão, com o parocho, levando as respectivas cruces alçadas e enfeitadas com espigas de

trigo, de centeio, de parras e cachos de uvas e cerejas, entoando o parocho todo o caminho a ladainha. Isto tem lugar no dia 1 de Maio.

Ha muito proximo d'esta capellinha restos de uma parede que, diz a tradição, serviu para empresar as aguas do Caima, para as levar por um grande rio (de que são bem visiveis os vestigios) para uma povoação que deveria estar situada onde hoje é o lugar do Carvalhal, na aba Sul do monte Castro. Defronte da capella, ao Nascente e do outro lado do rio, ha um penedo a que chamam a *Pedra da Moura*.

Quando consertaram a sacristia da capella, haverá seis annos, appareceram algumas sepulturas, segundo me tem referido, tres ou quatro, com ossadas; as mesmas sepulturas eram feitas de tijolos e cobertas com pedras de diversos feitios.

Ha por estes sitios muitos castros.

Os braceletes foram vendidos alguns no Porto, outros em Ovar a um ourives e creio que em Cambra ainda ha quatro ou cinco, podendo talvez obter-se dois.»

Do que fica transcripto conclue-se que os braceletes pertenciam muito provavelmente a individuo ou individuos originarios de um crasto pre-romano, e que á civilização d'esse castro succedeu, de certa epocha em diante, a civilização romana: o que está de accôrdo com outros factos já publicados n-*O Archeologo Português*, — vid. vol. I, pag. 4-7 (castros em geral); pag. 81 e 91 (bracelete dos Castellejos); e vol. II, pag. 23 (xorca pre-romana de Cintra).

Agora pôde perguntar-se porque razão estavam juntos tantos braceletes. Várias hypotheses occorrem, como a de thesouro, ou mercaderia; mas não revelará esse bello montão de ouro a fuga precipitada de seu dono, ou seus donos, deante das armas violentas dos Romanos, na occasião em que estes se dispunham, para derribarem as muralhas do castro, e reduzirem os Barbaros á civilização do Capitolio?

Quanto ao objecto, de fôrma pyramidal, a que se refere o auctor da correspondencia d-*O Commercio do Porto*, nada posso dizer aqui.

Agradeço a meu prezado primo Joaquim Augusto da Costa Basto todas as informações que me mandou, e com as quaes pude ampliar a noticia que os jornaes publicaram.

J. L. DE V.

Extractos archeologicos
das «Memorias parochiaes de 1758»

5. Adissa (Alemtejo)

Lenda e palácio da nobre Adissa e dos negros ou gigantes que guardaram thesouros encantados. — Lenda do monge, que ouve vozes mysteriosas. — Cobra encantada. — Urutas; ossos humanos e fragmentos de vasilhas quebradas lá. — Casa Movida. — Tanque num penhasco. — Sepulturas (romanas?). — Restos de fundições. — Pedreiras antigas.

a) «He no districto da minha freguesia muito famigerada a serra, a que chamão da Adissa, pelas historias, que d'ella conta a gente rustica da povoação, em cujas brenhas, por se acharem fabricadas no coração do penhasco varias cavidades com sua fonte de agoa frigidissima, presume muita parte da vulgaridade serem os palacios de huma Moura encantada chamada Adissa, e que conserva nelles grandes riquezas, para quem a desencantar; accrescentando a estes delirios, outros, de que dentro das cavidades ha hum rio, guardado de huns negros ou gigantes encantados, aonde os que quizerem lograr a periosidade destes thesouros hande expirimentar certas aventuras, confirmando isto com a tradição de seus antepassados e das noticias que dava hum Monge, que habitava nellas fazendo vida solitaria, de que todas as madrugadas ouvia vozes, que lhe mandavão accender fogo e cuidar da sua obrigação, de que cheo de hum terror panico desamparou a cova e veio a fallecer dentro de pouco tempo; e que havia pessoas que tinham visto recolher para aquellas cavernas huma medonha cobra, e que todo o que a offendia tinha expirimentado desastrosos successos; a que ajuntão outras historias desta qualidade, que eu tenho por fabulosas passo a descrever das cavidades da serra a cavidade mais famigerada.

b) Para a parte do Oriente se ve huma cova, a que chamão da Adissa, para a qual se entra por humas escadas, que ali fizerão os Monges que a habitavão haverá quinze ou vinte annos, athe se dar em huma grande cova de figura quasi espherica, toda de pedra, formada nas entranhas do penhasco, tão grande que nelle se pode alojar uma boa companhia de soldados de pe, tendo de altura mais de dous piques. Adornão-lhe os paredes varias pingas de agoa, que suadas do rochedo e convertidas em branca pedra, parecem fieiras de marmore de que ayrosamente se matiza. Tem no meio esta cova huma pedra muito levantada, furada toda por baicho, com comunicação para outros buracos, que forma em cima como uma planicie da mesma figura quasi espherica, á que huns chamão *estrado* outros *pateo*, adonde a gente da serra, e ainda da povoação, fazem as suas

danças pastoriz, e dizem que nesta planície podem baylar athe dose pessoas; e dahi caminhando por hum buraco muito escuro se vai dar em huma fonte de frigidissima agoa, que sahindo do centro do penhasco é recolhida como em huma pequena pia. Cabe dentro d'esta cavidade hum homem de pe, não tem outra luz mais que a que se lhe comunica da bocca do penhasco, he moradia de aves nocturnas, crião nella gralhas com as pernas e bicos amarelos.

c) Hum tiro de pedra desta cavidade se acha outra, que, com coriosa averiguação, investigarão os seus segredos tres homens deste povo, dos quaes dous ainda são vivos, e por haver mais de vinte annos, que penetrarão as suas intimidades, não tem particular lembrança das suas dimensões, mais que huma noticia escura, que pode premitir a vida de homens, que occupados nos exercicios rusticos não fazem lembrança de cousas memoraveis. Entrarão, pois, os investigadores d'esta profunda cavidade dependurados de huma corda carreteira por hum bocal, como de hum poço, formado no penhasco, que terá de largura duas varas, pouca mais ou menos, e continuando nesta porporcionada symetria athe ao meio, do meio para baicho conservando sempre a figura circular,—he tão grande que com dous piques se não chega de parte a parte. Via-se para hum lado hum taboleiro argamassado de cal e areia com algumas caveiras e outros ossos humanos, ja muito carcomidos, e em algumas cavidades pedaços de grandes potes¹, e, entrando desta primeira cavidade para outra com vellas accessas, á porta de huma dellas os inquietou hum rijissimo vento, que com furioso impulso os combatia e os encheo de hum medonho susto, porem, que deichado o terror panico, romperão por muitos buracos², que fazia o rochedo, furados uns para outros de comprimento pouco mais ou menos de cinco ou seis varas e tres ou quatro de largura, athe darem em huma grande cova, como de huma grande praça, e desta passando para outras covas, tão pequenas como as primeiras, vendosse em quasi todas ellas varios buracos; entrarão por hum delles e dahi a hum quarto de legoa, pouco mais ou menos, virão a luz do sol por huma rotura, que fazia o penhasco, e por ella sahirão.

Adornão vistosamente todas estas covas os mesmos fieiros de agoa congelada.....

¹ [Trata-se certamente de uma gruta sepulcral prehistorica, como a de Carnaxide, descrita n-*O Archeologo Português*, I, 182 seq. — J. L. de V.]

² Isto é, galerias.

d) Ha na Serra outra cavidade a que chamão *Casa Mourada*, toda de pedra, da figura de huma caza, aonde se diz que se fazia nella forte hum homem, que pellos seus insultos andava refugiado as Justissas, não tem outra porta mais do que a que por onde se entra, e poderão nella caber sette ou outto homens.

e) A mayor parte das agoas da Serra se somem na mesma serra, porque, segundo se entende, toda está minada, e ha boccas de covas por toda a serra, que são tão fundas, que athequi não ha notticias, que ninguem averiguasse a intimidade destas cavernas.

f) Ha tambem na Serra na mancha de Fernão Telles, desta freguesia, hum edificio de figura de hum pequeno tanque, cavado no penhasco, que mais parece banho de mouros que obra da primorosa idea dos Romanos, o qual recolhe as agoas que, chovendo na serra, correm precipitadamente a encher aquella pequena cavidade.

g) Tem-se descoberto nas abbas da Serra em huma quinta, que se faz nas campinas da herdade do Alimo, desta Freguesia, varias sepulturas com suas campas (ou tampas?) de pedra, porem, sem letras, e outras sem pedras, mas todas estas sepulturas com hum vaso dentro, como redoma, entre os quais se achou hum de vidro, outro de gesso, e os mais de barro.

h) Não tem a serra neste districto fontes, nem rios de propriedades raras, nem sei que haja minas de metaes, verdade he, que em alguns sitios da minha freguesia se achão humas pedras soltas, e ha parte aonde se acha hum pedreira destas, com as raizes firmes na terra, cujas pedras soltas, que as ha em abundancia, tirando mais a cor negra do que a cor de chumbo, são mais pezadas do que as outras pedras ordinarias, pelo que parece incluirem algum metal, e se achão tambem varias fezes ou escumalhas de metal fundido, que denota que houve antigamente neste districto fabricas de fundições, que serão do tempo dos romanos.....

i) Tem a serra donde se podem tirar pedras de cantaria e ainda de marmore e outras de varia qualidade, e com effeito em hum sitio desta freguesia a que chamam o Poço do Judeo se achão ainda as minas abertas das pedras que se lavrarão para os edificios do Moura..... (Tomo 1, fl. 251.)

6. Inscriptões romanas de Agueda (Belra)

«O dito lugar de Agueda nam tem preuilegios e nos tempos antigos era a celebre cidade Eumio floreceo munto no tempo dos Romanos e ainda em partes se acham pedras com inscricoes daquelle

tempo. Depois disso foi cidade Episcopal e teve seus bispos que foram Gelazio e Possidonio e Pontanio que assistiram em varios consilios que tras a Historia dos Arcebispos de Braga composta pello Arcebispo D. Rodrigo da Cunha e o mais trazem as estorias portuguezas.» (Tomo I, fl. 389.)

Sobre a verdadeira localização de *Aeminio* póde consultar-se um artigo de Borges de Figueiredo no Boletim da *Sociedade de Geographia de Lisboa*, v, 67.

PEDRO A. DE AZEVEDO.

À cerca das antas

O Sr. P.^a J. J. da Rocha Espanca publicou em Villa-Viçosa, em 1894, um opusculo intitulado *Estudo sobre as antas e seus congengeres*, que foi objecto de uma critica do Sr. P.^a José Isidro Brenha, começada a publicar no n.^o 36 (16 de Maio de 1895), d-*A Vida Moderna*, do Porto, e continuada noutros numeros seguintes. O criticado respondeu, o critico treplicou, e aquelle tornou a voltar á questão, que actualmente ainda dura, e Deus sabe até quando durará!

Eu, por mim, achei-me tambem envolvido na polemica, e dei a lume no n.^o 25 (27 de FEVEREIRO de 1896) d-*A Vida Moderna* o seguinte artigo, que aqui reproduzo por lembrança:

«Tenho seguido com alguma curiosidade a questão em que os Srs. P.^a Espanca e P.^a Brenha andam empenhados neste jornal. Se venho entremetter-me nella, não é pelo desejo de polemica; mas, como o Sr. P.^a Brenha teve a amabilidade de me consultar á cerca da significação da palavra *anta*, e eu lhe apresentei ideias que o Sr. P.^a Espanca pretende refutar, julgo-me obrigado a defender o que escrevi.

Pego aos leitores que me considerem imparcial na questão, pois a ambos os contendedores me ligam relações de sympathia.

Quando, ha annos, estive pela primeira vez em Villa-Viçosa, o Sr. P.^a Espanca, a quem eu ia recommendado, tratou-me com toda a amabilidade, acompanhou-me na visita aos monumentos da villa, e deu-me quantos esclarecimentos lhe pedi. Eu vim com saudades dos momentos que passei com elle em convivio archeologico, e nunca me esquecerei de que, depois de termos percorrido a villa, ao luar,

o Sr. P.^o Espanca, a altas horas da noite, se sentou ao piano, e tocou e cantou, para eu ouvir, composições de sua lavra. Posteriormente tenho mantido com elle correspondencia epistolar, e devo-lhe a offerta de um interessante monumento epigraphico romano, e das suas uteis *Memorias de Villa-Viçosa*, bem como do opusculo sobre as *antas*.

O monumento epigraphico ficou pertencendo á Bibliotheca Nacional de Lisboa, mas foi por minha intervenção, e a meu pedido, que elle o cedeu; por isso me constituo devedor do obsequio.

Ao Sr. P.^o Brenha devo tambem informações archeologicas, e a posse de um amuleto que me offereceu para a minha collecção ethnographica; alem d'isso, ainda o anno passado me fez o favor de me acompanhar na Povoia de Varzim na visita a varios locais que eu desejava visitar, e sobretudo merece o meu respeito pelo amor com que se dedica aos estudos archeologicos, dando a conhecer, em companhia do Sr. P.^o Raphael Rodrigues, as *antas* trasmontanas.

Vêem os leitores que, pelas circumstancias pessoais, tantas razões tenho para pender para o lado de um dos contendedores, como para o do outro. As circumstancias scientificas levam-me todavia para o lado do Sr. P.^o Brenha.

Espero que o Sr. P.^o Espanca não veja no que vou dizer, nem desaffecto, nem descortesia. Eu só pugno pela verdade. De mais a mais justificarei o que affirmar.

O Sr. P.^o Espanca sustenta, se bem tenho presente a sua argumentação, por quanto estou a escrever de memoria, ao correr da penna, sem poder dispor de tempo para citações:

- 1.^o Que as *antas* são monumentos historicos;
- 2.^o Que as *antas* são cabanas de pastores e de hortellãos, e não sepulturas;
- 3.^o Que a palavra *anta* vem do latim *antrum*.

I. Começarei pela última parte, e procurarei ser breve e claro.

Para asseverar que *anta* vem de *antrum*, lembra o Sr. P.^o Espanca o seguinte facto:—que o *r* cahiu, como em *umbella*, deminutivo de *umbra*, *castello*, deminutivo de *castrum*, e *libello*, deminutivo de *liber*;—e que o *o* de *antro* se mudou em *a*, como em *verba*, do plural de *verbum*, *sina*, do plural de *signum*, *loja*, do plural de *locus*.

Antes de mais nada devo notar que, visto que se recorre á Glottologia, ou sciencia da linguagem, se lhe hão de respeitar rigorosamente as leis; do contrario, anda-se sem methodo. Ora a Glottologia ensina que nenhum d'aquelles factos tem applicação ao caso presente. Quanto ao *o* mudado em *a*, não sei para que citar taes exemplos, se

o Sr. Espanca é o primeiro a notar que *verba*, *sina* e *loja* vem dos pluraes, que acabam em *a*. Se as palavras já em latim acabavam em *a*, para que fallar no *o*?

Os pluraes de certos nomes neutros foram considerados como femininos, pelo facto de acabarem em *a*, e nessa forma passaram do latim vulgar para as linguas romanicas. Isto succedeu com dois dos exemplos citados, *verba* e *sina*; a palavra *loja* é que nada tem com *loca*, pois é de origem germanica.

Ha muitas outras palavras formadas como *verba* e *sina*, por exemplo, *divida*, *fada*, *pimenta*. O Sr. P.^o Espanca podia ter citado tambem *antra*, plural de *antrum*, na sua hypothese; contudo era impossivel que *antra* desse *anta*, como vamos ver.

Os exemplos invocados para justifiarem a queda do *r* são *umbella*, *castello* e *libello*. Nada d'isto se parece com *antrum* (ou *antra*) e *anta*. Segundo as leis da morphologia latina, *umbella* formou-se de *nubra*, através de **amberla*; *castellum*, de *castrum*, através de **casterlum*; *libellus* de *liber*, através de **liberlus*. Houve, pois, mudança de *r* em *l*, e não queda de *r*, — o que é muito diverso do que o Sr. Espanca supõe que se deu em *anta*.

Era impossivel, digo eu, que *antra* desse *anta*, porque, não havendo outro *r* na palavra, um *r* naquellas condições, isto é, entre consoante e vogal, não cae. As seguintes palavras o provam: *astro*, *desastre*, *mostrar*, *mostrengo*, *entre*, *entrar*, *contra*, *ventre*, *centro*, *sempre*, *Dezembro*. Se em nenhum d'estes casos cae o *r*, por que motivo havia elle de cair em *antrum*? Quando se apresentasse um phenomeno phonetico tão simples como este, devia haver outros parallelos. Não ha: logo o *r* naquellas condições não cae. Por isso é impossivel deduzir *anta* de *antrum*. Oppõe-se a isso o genio da lingua portuguesa.

Não sabe talvez o Sr. P.^o Espanca que existem outras palavras na nossa lingua no sentido de *dolmen*. D'ellas me occupo no volume I das minhas *Religiões da Lusitania*.

Para concluir, direi que a origem de *anta* é o latim *antae*, no singular *anta*, como perfeitamente diz Viterbo no seu *Elucidario*.

II. *As antas são monumentos historicos*, — diz o Sr. P.^o Espanca. Não são, dizem todos os archeologos. Isto prova-se directamente, porque o mobiliario que apparece ou predomina nas antas é *prehistorico*, pela maior parte *neolithico*.

Os textos dos antigos AA., em que o Sr. P.^o Espanca achou *antrum*, *spelunca*, etc., referem-se a *furnas*, etc., e não ás *antas*, que são monumentos architectonicos propriamente ditos.

III *As antas são cabanas, e não sepulturas*, — diz o Sr. P.^o Espanca.

Esta afirmação não é justa: — primeiro, porque muitas antas são demasiado pequenas para poderem servir de casas de vivos; — segundo, porque nas antas encontram-se restos humanos, ossos e dentes, cuja existência alli só pôde explicar-se, admitindo-se que as antas eram sepulcros ou ossuários.

Trato este ponto com tal desenvolvimento no meu citado livro *Religiões da Lusitania* (no prelo), que não posso tratá-lo agora outra vez. Em todo o caso tomo a liberdade de recomendar ao Sr. P.^o Espanca, pelo menos, a leitura das obras de Carlos Ribeiro, Estacio da Veiga e Santos Rocha, onde achará exemplos bastantes de antas que continham no seu seio restos de esqueletos humanos.

Este facto não admite contestação possível.

Se em algumas antas se não acha nada, é porque os terrenos destruíram os ossos (por exemplo os terrenos graníticos), ou porque os curiosos levaram tudo, ou porque se praticou a incineração dos cadáveres.

O Sr. P.^o Espanca creio que nunca explorou anta nenhuma; eu, da minha parte, já explorei algumas em Tras-os-Montes, na Beira e no Alentejo, conheço tudo o que se tem escripto em Portugal sobre o assumpto, e conheço muitas cousas do que se tem escripto lá fóra: para afirmar o que affirmo fundo-me, pois, em muito boas razões.

*

Em resumo: — os dolmens datam dos tempos *prehistoricos*, e são *monumentos funerarios*; a palavra *anta*, que, com outras, significa *dolmen*, vem do singular de *antae*. Creio que são pontos liquidados.

Lisboa, 20 de Fevereiro de 1896.

J. L. DE V.

Archeologia Eborensse

Cofre de ferro existente na Secção Archeologica
da Bibliotheca Pública de Evora

Ha annos existia na Repartição de Fazenda de Evora um cofre, ou antes uma arca de ferro batido, que servia para o thesoureiro-pagador do districto arrecadar e guardar valores confiados á sua responsabilidade. A fórma e a construção d'essa arca não deixavam de chamar

a attenção das pessoas que o acaso, negocios publicos ou particulares, levavam á thesouraria do districto. As perguntas que a seu respeito se faziam, só se obtinha a seguinte resposta: *É muito antigo, era da Inquisição, já cá existia no tempo das Provedorias.*

Ultimamente, tratando-se de reparações na parte do edificio do antigo Collegio dos Jesuitas, occupada pela Repartição de Fazenda do districto, foi sollicitada por mim licença para que esse cofre fosse recolhido na Bibliotheca Pública de Evora, não só porque hoje não servia para arrecadação de valores, visto terem sido extintas as thesourarias dos districtos, mas para não se perder, como perdido se tem muitas outras preciosidades archeologicas, esse specimen de serralheria do seculo XVI ou de seculo anterior. Felizmente, hoje está esse cofre recolhido na Bibliotheca, onde pôde ser examinado, estudado e apreciado por aquelles a quem taes cousas interessam. Os desenhos juntos dão conhecimento do cofre, e as *cotas* nelles escriptas permitem avaliar a sua grandeza, dispensando qualquer descripção mais ou menos incompleta que d'elle se pudesse fazer. As paredes do cofre, assim como a tampa e o fundo são constituídos por folhas ou laminas de ferro forjado de 0^m,003 de espessura; as folhas são reunidas de topo, por bandas de ferro forjado de 0^m,009 de espessura, a que são fixadas por meio de *rebites*. Os cantos são fortalecidos por cantoneiras igualmente de ferro batido. Alem d'isso, a tampa é fortalecida interiormente por meio de uns triangulos de ferro redondo.

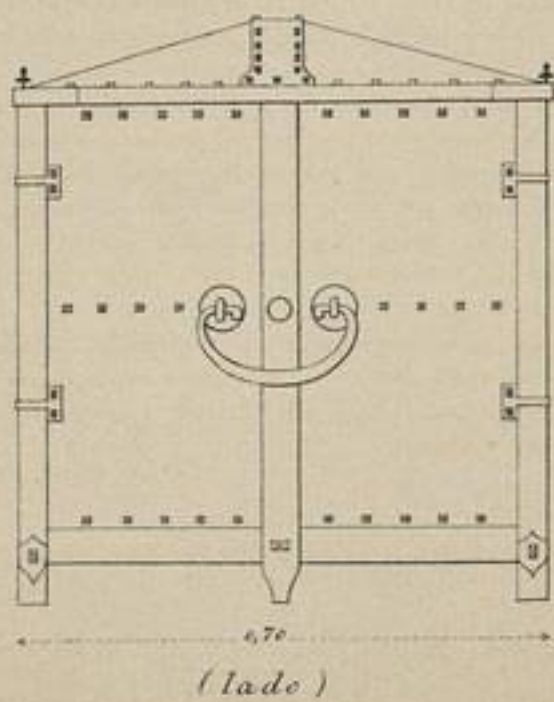
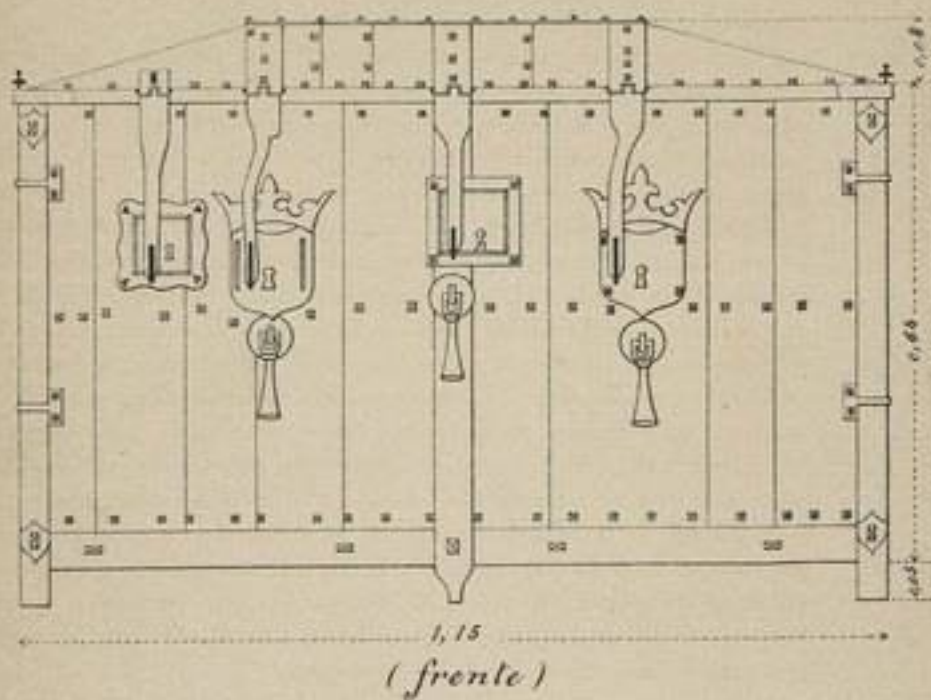
Como é por todos sabido, a Inquisição foi introduzida em Portugal por El-Rei D. João III aos 22 de Outubro de 1536, fundando-se em Evora o seu primeiro tribunal¹; por conseguinte, a ter sido da Inquisição de Evora o cofre, deve considerar-se posterior a 1536. A existencia de corôas-reaes na frente do cofre faz crer porém que, mesmo quando houvesse servido na Inquisição, havia tido anteriormente outro destino. Sabe-se que os nossos antigos monarchas tinham thesouros em muitas das suas principaes cidades. Poder-se-ha com este fundamento suppor que o cofre teria primeiramente servido no erario de Evora? Ou, deverão considerar-se as corôas como signal de privilegio de fabricação?

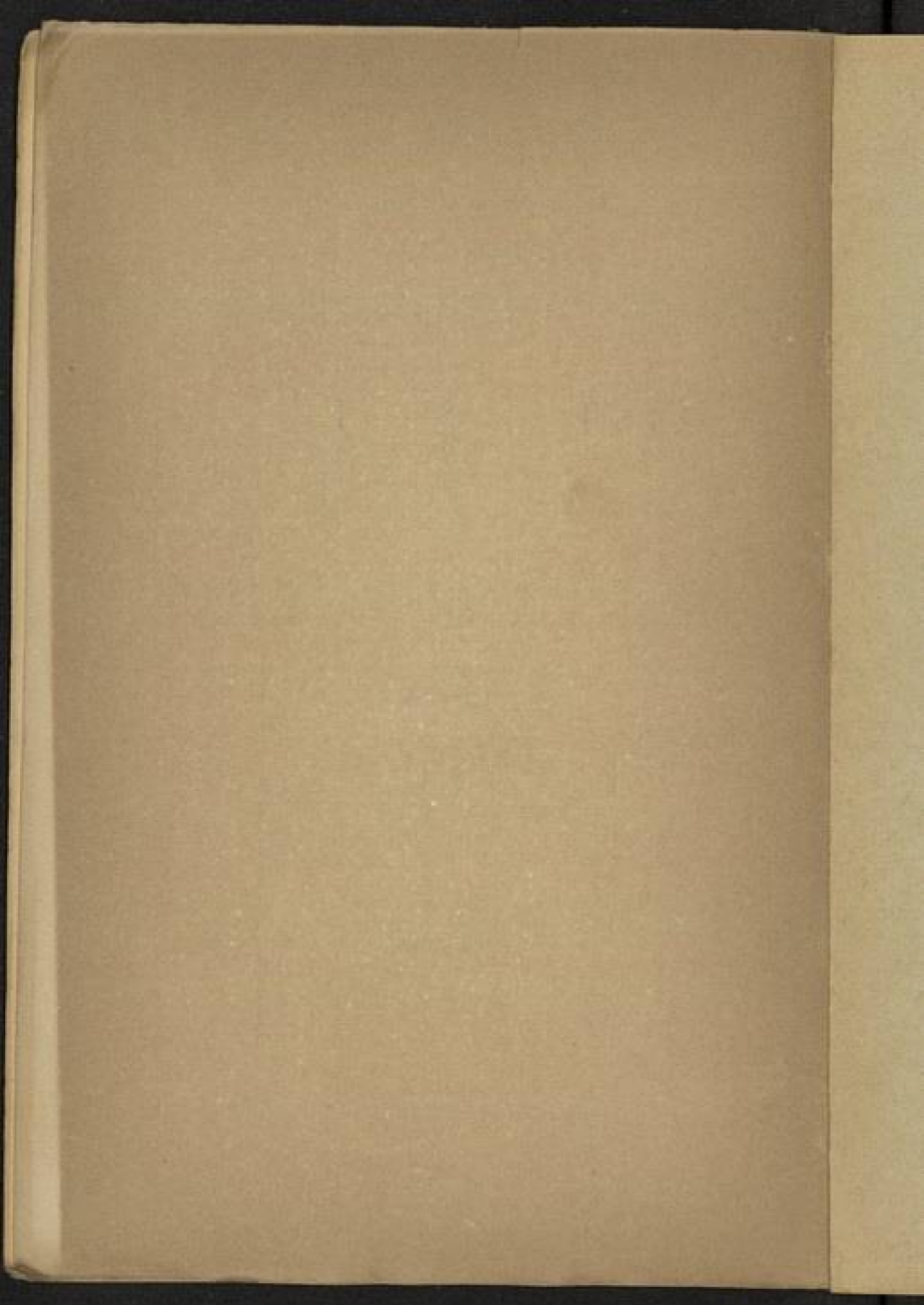
Deixamos as respostas ou as explicações a quem as possa dar, e contentar-nos-hemos com annunciar a existencia do cofre na Bibliotheca de Evora, e para elle chamar a attenção dos amadores das nossas antigualhas.

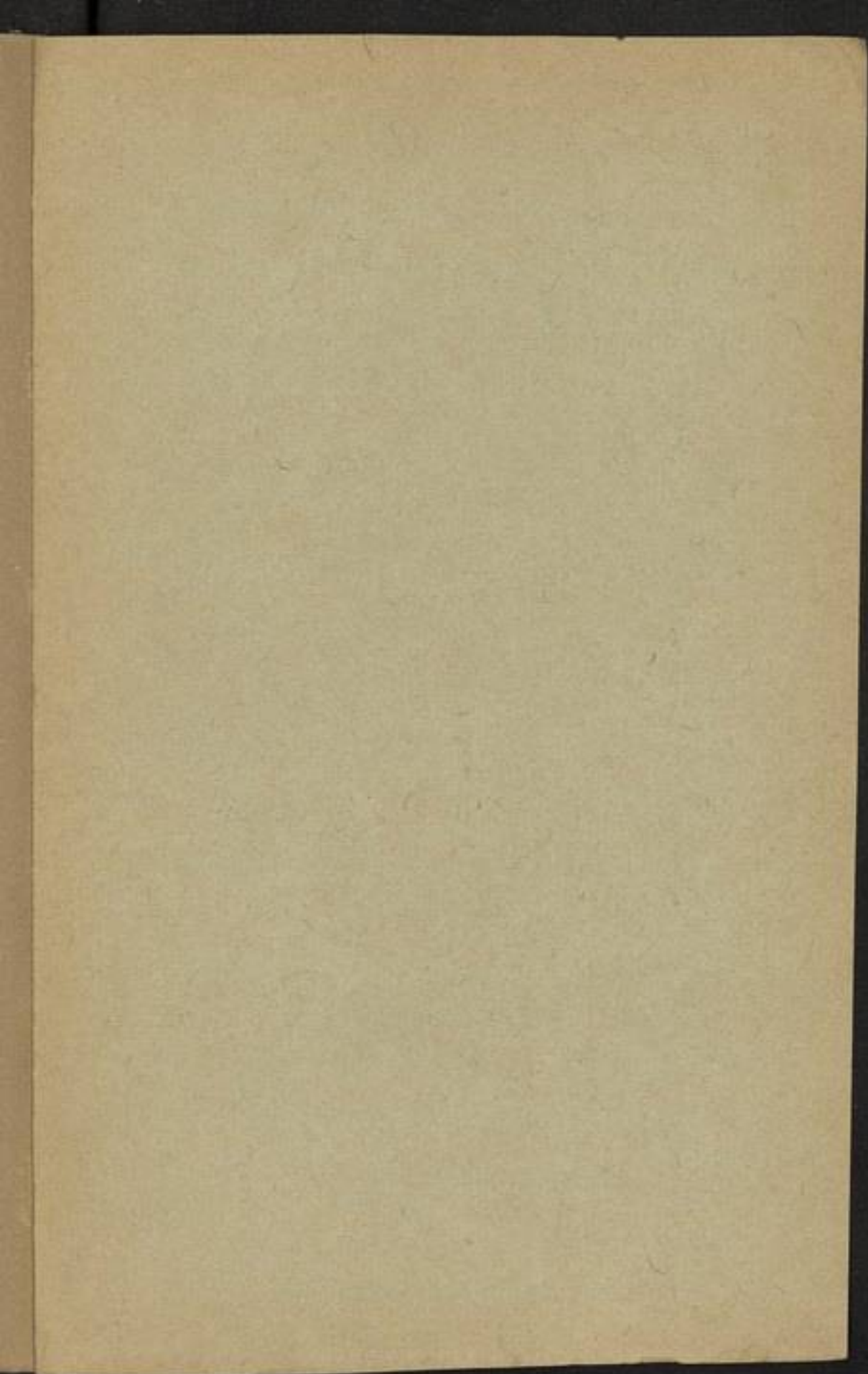
C. DA CAMARA MANGEL.

¹ *Evora gloriosa*, pelo P.^o Francisco da Fonseca, Roma, 1728.

Escala $\frac{1}{10}$ cu $0,10$ por 1 metro







EXPEDIENTE

O *Archeologo Português* publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in-8.º, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Anno	1\$500 réis.
Semestre	750 "
Numero avulso.....	160 "

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cerca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a J. Leite de Vasconcellos, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa*.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida a J. A. Dias Coelho, para a *Imprensa Nacional de Lisboa*.

À venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.